

# O CONCEITO DE ESCLARECIMENTO [*AUFKLÄRUNG*] EM IMMANUEL KANT

## THE CONCEPT OF CLARIFICATION [*AUFKLÄRUNG*] IN IMMANUEL KANT

Simone de M. V. Barcelos

**Resumo:** O presente estudo busca compreender o conceito esclarecimento [*Aufklärung*] em Immanuel Kant (1729-1786) à luz do texto Resposta à pergunta: Que é "Esclarecimento"? [*Aufklärung*]. O pensamento de Kant é marcado por uma reflexão filosófica abrangente formulada em torno de três perguntas: "1. Que posso saber? 2. Que devo fazer? 3. Que me é dado esperar?" (KANT, 1988, p.833). A pergunta que dá título ao texto, em si mesma, tem a potência de uma reflexão filosófica, mas é necessário compreender que abstração se alcança transitando dos particulares (experiência) aos universais (conceitos). O tema central tratado por Kant neste pequeno e fértil texto diz respeito à convicção kantiana de que, embora o homem tenha a capacidade de guiar-se livremente no mundo, por falta de coragem, por preguiça, a maioria abre mão dessa capacidade e se deixa guiar pelas decisões alheias. As questões postas por Kant estão profundamente articuladas a reflexão sobre a formação humana e nessa direção que nosso estudo foi conduzido.

**Palavras-chave:** Razão. Menoridade. Exercício do pensamento. Formação humana.

**Abstract:** The present study seeks to understand the clarification concept [*Aufklärung*] in Immanuel Kant (1729-1786) in light of the text Answer to the question: What is "Clarification"? [*Aufklärung*]. Kant's thinking is marked by a comprehensive philosophical reflection formulated around three questions: "What can I know?" "What should I do?" "What can I expect?" (KANT, 1988, p.833). The question that gives title to the text in itself has the power of a philosophical reflection, but it is necessary to understand that abstraction is reached from the private (experience) to the universal (concepts). The central theme addressed by Kant in this small and fertile text concerns the Kantian conviction that, although man has the ability to guide himself freely in the world, for lack of courage, for laziness, most give up this ability and leave guide the decisions of others. The questions posed by Kant are deeply articulated the reflection on human formation and in that direction that our study was conducted.

**Keywords:** Reason. Minority. Exercise of thought. Human formation.

## INTRODUÇÃO

O estudo acerca do conceito de "esclarecimento" [*Aufklärung*] resulta de inquietações advindas de leituras e discussões ocorridas no decurso da disciplina Sociedade, Saber e Educação.<sup>1</sup> O debate proposto na disciplina se materializou em torno

---

<sup>1</sup> Considero que a disciplina Sociedade, Saber e Educação, ministrada pela Professora Dra Anita Cristina A. Resende foi um dos principais desafios na formação dos alunos que a cursaram. Durante todo o percurso a seriedade e o comprometimento com uma análise teórica de diferentes autores se manteve acesa. A defesa pela leitura aprofundada dos autores indicados, evitando preconceitos e superficialidades na apreensão do conjunto central de cada obra lida foi o nosso maior desafio. A lucidez e a capacidade de

da reflexão de temas que, analisados em suas especificidades, mantinham um núcleo comum que possibilitava o diálogo profícuo entre autores de diferentes campos do saber e posicionamentos teóricos que, muitas vezes, sinalizavam diferentes perspectivas. Os temas tratados, principalmente aqueles que se referem ao conjunto de autores da Teoria Crítica, permitiu compreender, sobretudo, que há um método comum que caracteriza as diferentes produções desses autores - que investigam diversos temas - que é a instrumentalização da razão, ou a conversão da razão em instrumentalidade. Os autores da Teoria Crítica investigam o Positivismo no aspecto que se tornou sua maior evidência no mundo moderno: a racionalidade instrumental. Esses autores são importantes muito mais pelos questionamentos que fizeram do que propriamente pelas formulações que elaboraram a partir delas.

## **DESENVOLVIMENTO**

A proposta de elaboração do artigo nos fez pensar sobre a possibilidade de vários projetos de estudo que, à medida que as leituras e discussões evoluíam, se alterava por completo ou na melhor das hipóteses, tomava uma direção diferente da inicial. A abertura para orientações acerca desse trabalho foi fundamental e decisiva para a definição do tema que assumiríamos em nossos estudos. Aliás, as aulas em geral e a orientação do trabalho final - orientação coletiva - em particular, merecem destaque no conjunto de nossas reflexões. Tomadas em seu conteúdo e forma, podem ser comparadas a um acontecimento, quer dizer, cada aula trazia em si algo de inspirador e provocador que se desenvolvia em níveis e intensidades variadas a partir das condições apresentadas por cada estudante. O fato é que, ao cabo da disciplina, compreendemos, mediante argumentos razoáveis, que a decisão de estudar um tema o qual não dominávamos significava um passo importante em nossa formação. Esse processo de decisão, em certa medida, evidenciou o quanto cada um de nós somos atravessados por um procedimento de razão instrumental que tende a nos empurrar para a instrumentalidade.

O interesse inicial era o de investigar o conceito de autonomia ou o de emancipação em Theodor Adorno. A compreensão de que tais conceitos têm como nascedouro a filosofia kantiana, nos fez dar um passo atrás e decidir pelo estudo do

---

transitar com segurança por entre sistemas filosóficos e teóricos demonstrada pela professora, foi uma grande inspiração.

conceito de esclarecimento [*Aufklärung*] em Kant. Desse modo, considerando os limites do recorte assumido, o propósito neste estudo é, principalmente, o de compreender o conceito de esclarecimento [*Aufklärung*]<sup>2</sup> em Immanuel Kant (1729-1786) à luz do texto *Resposta à pergunta: Que é "Esclarecimento"? [Aufklärung]*. A princípio não nos pareceu uma tarefa muito complexa uma vez que tínhamos à disposição um texto muito bem redigido marcado pela clareza e objetividade kantiana. Contudo, o interesse e a relevância de aproximação deste conceito, mostrou a necessidade de compreensão de outros conceitos fundamentais na filosofia kantiana e que nos fez recorrer à leitura de outros textos como por exemplo: *Prefácio à primeira edição da Crítica da razão pura*, *Prefácio à segunda edição da Crítica da razão pura*, *Que significa orientar-se no pensamento?* e o *O fim de todas as coisas*, como exercício intelectual com vistas a esta aproximação.

Nas primeiras imersões aos textos uma dificuldade se interpôs: escapava, quase por completo, conceitos kantianos fundamentais à nossa busca. O desafio foi maior do que havíamos considerado inicialmente. Compreender o conceito de esclarecimento [*Aufklärung*] em Kant implicaria, necessariamente, o exercício de considerá-lo em seu contexto, nos aproximando das características socioculturais próprias do seu tempo e, sobretudo, localizando as questões filosóficas implicadas na raiz das reflexões as quais ele se dedicou detidamente ao longo de sua vida.

Immanuel Kant, pensador que viveu exatamente há duzentos e vinte e oito (228) anos. Filósofo tão importante para a história do pensamento e da cultura ocidental quanto Platão (428/7-348/7a.C.), Aristóteles (384-322 a.C.). O pensamento de Kant é marcado por uma reflexão filosófica formulada em torno de três perguntas: "1. Que posso saber? 2. Que devo fazer? 3. Que me é dado esperar?" (KANT, 1988, p.833). A investigação acerca da origem e da possibilidade do conhecimento já havia sido realizada pelos gregos antigos e formulada em duas respostas antagônicas: o racionalismo e o empirismo, ambas, segundo Kant, insuficientes e limitadas em seu conjunto.

---

<sup>2</sup> Segundo a nota do tradutor Fernandes, não é possível traduzir precisamente o "termo filosófico alemão *Aufklärung*, tal a multiplicidade de sentidos congregados nesta noção. (...) Diversos motivos levam-nos a julgar que, sem ser perfeita, a transcrição pela palavra 'esclarecimento' talvez seja de todas a melhor, principalmente porque acentua o aspecto essencial da *Aufklärung*, o de ser um processo e não uma condição ou uma corrente filosófica ou literária, que a razão humana efetua por si mesma para sair do estado que Kant chama 'menoridade', a submissão do pensamento individual ou de um povo a um poder tutelar alheio." (FERNANDES, 2005, p.63). Considerando os motivos expostos pelo tradutor do texto "Resposta à pergunta: "Que é 'Esclarecimento'?", neste estudo, sempre que utilizarmos o verbete "esclarecimento", o termo [*Aufklärung*] será inserido na sequência.

Quanto ao Racionalismo temos em Platão (428/7-348/7 a.C.) que conhecer é recordar. Tal filósofo afirmava a existência do mundo das ideias que, apesar de existir objetivamente fora de nós é imaterial. Em outras palavras, um mundo que independe do homem. Para Descartes (1596-1650) - formulador do racionalismo moderno - a razão é capaz de apreender a realidade de modo análogo ao conhecimento matemático, ou seja, pela dedução formulada a partir de princípios instituídos sem a intervenção da experiência. Ele reafirmou a teoria platônica das ideias inatas.

Segundo o Empirismo (Aristóteles 384-322 a.C.), John Locke (1632-1704), David Hume (1711-1776), as ideias, todas elas, derivam da experiência. A fonte do conhecimento é a experiência. Desses pensadores, Hume, embora tenha admitido que o conhecimento emana da experiência (intuições sensíveis), reconheceu os limites de tais intuições ao afirmar que elas possibilitam somente enunciados particulares, quer dizer, a experiência produz conhecimentos particulares e contingentes sem alcançar os universais. Os estudos de Hume abriram caminho para um ceticismo que foi duramente combatido por Kant. O pensamento de Hume desdobrou numa crise nos fundamentos dos valores morais (bem, mal, certo, errado, justo e injusto). A filosofia kantiana se desenvolveu a partir da questão filosófica da dicotomia entre racionalismo e empirismo, nas formas de compreensão do mundo e do homem que abalaram e ainda abalam as formas de pensar e de agir dos homens em seus diferentes contextos.

Embora as ideias e as religiões, num certo sentido, tenham o poder de mudar o modo de pensar de quem as lê, entendemos que as mudanças, de fato, decorrem do tempo e das condições concretas de existência dos homens. Com isso, chamamos a atenção para o fato de que as ideias devem ser consideradas em sua relação e conexão com a dimensão da ação humana. Elas atuam nas mentes, são uma espécie de antecipação da ação.

A leitura dos textos selecionados para o presente estudo, por um lado, evidenciou a necessidade de compreender o método de exposição adotado por Kant em sua filosofia e por outro, descortinou aspectos da filosofia kantiana que, inicialmente não tínhamos pretensão de apreender. A leitura deste pensador há muito vinha sendo adiada, talvez, pela falta de coragem de enfrentar um desafio de tamanha envergadura. A leitura constituiu-se um exercício intelectual que possibilitou compreender o sentido do que Ítalo Calvino (1990) afirma sobre os Clássicos, quando reconhece que eles têm sempre algo a dizer.

O debate acerca da dicotomia racionalismo e empirismo, no nosso entendimento, é uma das formas de acesso à filosofia kantiana - considerando que sua busca filosófica foi erigida no sentido de compreender os limites da razão e da experiência - e terá por objetivo compreender o desenvolvimento e evolução desse pensamento no que concerne à compreensão do conceito de esclarecimento [*Aufklärung*] tema deste estudo.

Com a intenção de nos mantermos em nosso propósito e evitando imprecisões na exposição das posições kantianas em torno da dicotomia racionalismo e empirismo, apresentaremos basicamente citações do próprio Kant. Nessa perspectiva, tomando a experiência e os conceitos como elementos centrais do debate filosófico consideremos as seguintes afirmações:

Que todo o nosso conhecimento começa com a experiência, não há dúvida alguma, pois, do contrário, por meio do que a faculdade de conhecimento deveria ser despertada para o exercício senão através de objetos que tocam nossos sentidos, em parte põem em movimento a atividade do nosso entendimento para compará-las, conectá-las ou separá-las e, desse modo, assinalar a matéria bruta das impressões sensíveis a um conhecimento dos objetos que se chama experiência? Segundo o tempo, portanto, nenhum conhecimento em nós precede a experiência, e todo ele começa com ela.

Embora todo o nosso conhecimento comece com a experiência, nem por isso todo ele se origina justamente da experiência. Pois poderia bem acontecer que mesmo o nosso conhecimento de experiência seja um composto daquilo que recebemos por impressões e daquilo que a nossa própria faculdade de conhecimento (apenas provocada por impressões sensíveis) fornece de si mesma, cujo aditamento não distinguimos daquela matéria-prima antes que um longo exercício nos tenha tornado atentos a ele e nos tenha tornado aptos à sua abstração (KANT, 1987, p. 1.).

As formulações do racionalismo e as do empirismo são insuficientes para tratar satisfatoriamente a questão da origem e das condições do conhecimento. Para Kant, "pensamentos sem conteúdos são vazios" e "intenções sem conceitos são cegas" (KANT, 1987, p.75). Assim, "a própria experiência é um modo de conhecimento que requer entendimento" (KANT, 1987, p. XVII). A experiência "nos ensina que algo é constituído deste ou daquele modo, mas não que não possa ser diferente" (, op.cit. p.3). Tal inferência implica não a primazia da razão ou da experiência, mas sobretudo a intersecção de ambas no que concerne à origem e construção do conhecimento.

Kant reconheceu que Hume estava correto ao afirmar a impossibilidade de juízos necessários e universais decorressem da experiência, no entanto, refutou

veementemente o ceticismo decorrente dessa filosofia. Kant estava convicto da existência de conhecimentos verdadeiros, dos quais a Geometria Euclidiana e a Mecânica Newtoniana eram exemplos clássicos. Para ele os objetos nos eram dados na sensibilidade e pensados através de conceitos e princípios no entendimento. Sensação e razão são faculdades cognitivas indissociáveis, portanto, fundamentais e indispensáveis ao conhecimento, quer dizer, "Sem sensibilidade nenhum objeto nos seria dado, e sem entendimento nenhum seria pensado" (KANT, 1987, p.75). Em Kant, a reflexão filosófica avança na direção da interdependência e indissociabilidade entre razão e experiência.

Para Kant, o entendimento foi definido como um modo de:

conhecimento mediante conceitos, não intuitivo, mas discursivo de maneira tal que a espontaneidade do pensamento exige que tal *múltiplo*<sup>3</sup> seja primeiro de certo modo perpassado, acolhido e ligado para que se faça disso um conhecimento" (KANT, 1987, p. 93-102).

Dito de outro modo, o entendimento é uma faculdade de julgar, uma capacidade de emitir juízos, de estabelecer relações entre representações, os conceitos constituindo-se nos predicados de juízos possíveis. A "capacidade de julgar é a faculdade de *substituir* sob regras, isto é, distinguir se algo está sob uma regra dada (*casus datae legis*) ou não" (KANT, 1987, p. 172), portanto, trata-se de uma capacidade orientada pelos princípios *a priori* do entendimento puro<sup>4</sup> "que levam este nome não só porque em si contém os fundamentos de outros juízos, mas porque eles mesmos não se fundam em nenhum conhecimento mais alto e geral" (KANT, 1987, p. 188).

Para objetivos bem delimitados deste estudo a apresentação sucinta de algumas das principais formulações do pensamento de Kant, no que concerne a sua busca pelo equilíbrio entre razão e sensação, nos parece razoável. O fundamental é que tenhamos em mente que o pensamento kantiano admite que o conhecimento não é mero reflexo da natureza, mas articulação entre experiência (observação, criatividade, imaginação) e a capacidade de abstração do intelecto.

O texto *Resposta à pergunta: Que é "Esclarecimento"? [Aufklärung]* é provocativo, um convite à reflexão. Mas alguém poderia objetar: por que expressivo

---

<sup>3</sup> Múltiplo - as percepções geram dados múltiplos e desordenados; a aplicação dos conceitos puros do entendimento, ou categorias, estruturam esses dados, impondo uma ordem inteligível.

<sup>4</sup> São Princípio do Entendimento Puro: "1. *Axiomas* da intuição. 2. *Antecipações* da percepção. 3. *Analogias* da experiência. 4. *Postulados* do pensamento empírico" (Kant, 1987, p. 200. Grifos no original).

reconhecimento a um texto que, do ponto de vista da forma, foge, em certa medida, às exigências próprias de um texto filosófico? É preciso esclarecer primeiramente, que esse texto de apenas nove (9) laudas se destina aos leitores de um Jornal da época, quer dizer, destina-se a um público mais amplo, composto em sua maioria possivelmente, por pessoas que não eram leitoras de Kant, mas que certamente ele almejava alcançar com questões de natureza filosófica.. Alguns afirmam que este é um dos textos mais lidos, mas não o mais compreendido.

E quanto a nós, o que o opúsculo tem a nos dizer? Ele nos ajuda a pensar questões do nosso tempo, pensar a formação humana, porque as reflexões formuladas por Kant dizem respeito a condição e da existência humana, portanto, questões universais. Kant mostra que, embora o homem tenha a capacidade de guiar-se livremente no mundo, por falta de coragem<sup>5</sup>, por preguiça, a maioria abre mão dessa capacidade e se deixa guiar pelas decisões alheias. Segundo Kant, decidir é complicado, assumir a responsabilidade de decidir sobre a própria vida não é fácil e nem simples. Exige coragem e esforço. Tentar ou decidir andar sozinho expõe o homem a muitos perigos.

A compreensão do termo esclarecimento [*Aufklärung*], pressupõe a compreensão de termos como: *menoridade*, *uso público da razão* e *fazer uso de teu próprio entendimento*. Passemos então ao exame dos termos: Esclarecimento é uma noção ambivalente que se refere tanto ao indivíduo (dimensão subjetiva) quanto a uma época (dimensão objetiva). Esclarecimento implica necessariamente dois aspectos: o primeiro diz respeito a um determinado modo de pensar e o segundo diz respeito a uma disposição de fazer *uso público da razão*. Não é uma condição, mas processo que pressupõe transformação no método de pensar e não necessariamente no conteúdo do pensamento com vistas ao exercício do pensamento autônomo em sentido moral. O termo menoridade implica necessariamente a questão de submissão às prescrições de outrem. Abarca algumas ideias que lhe correspondem tais como: dependência de diretivas alheias para se comportar, submissão a autoridade que o outro, desresponsabilização das obrigações da existência, transferindo-as à terceiros. Quanto ao termo uso público da razão, o que está em jogo é sobretudo a coragem de não se submeter à tutela do outro. Diz respeito a uma atitude que visa o exame da natureza dos objetos da obediência de modo que, se houver alguma objeção por parte de quem

---

<sup>5</sup> Coragem aqui está sendo compreendida no sentido de lucidez do discernimento, busca de solidez.

obedece, ele seja capaz de formular e explicitar argumentos racionais sobre tal objeção. É a capacidade humana de, em cada circunstância, agir a partir de uma reflexão crítica sobre cada circunstância. Já o termo *fazer uso de teu próprio entendimento* remete ao equilíbrio entre as duas dimensões da razão, a teórica e a prática.

A noção de *uso público da razão* é fundamental para compreendermos as ideias subjacentes ao conceito em análise. As esferas pública e privada estão imbricadas no cerne do conceito de esclarecimento [*Aufklärung*]. Kant formula suas teses de modo a esclarecer ao mesmo tempo, a distinção necessária entre público e privado e sua completa interdependência quando o que está em questão é a dimensão prática da razão, ou seja, a dimensão das ações humanas que se materializam sempre implicando o outro, o coletivo.

No texto, além do imperativo *Ouse pensar!*, está presente também o imperativo *Obedecei!*. Kant é um defensor das leis e instituições<sup>6</sup> porque as entende como formas de manutenção do equilíbrio social. Ele afirma que é ideal que o soberano atue de modo a manter o equilíbrio entre os homens. Entretanto, o imperativo *Obedecei!* não significa, de modo algum, domesticação do pensamento, antes, implica uma atitude que diz respeito ao exercício da exposição das ideias por parte do indivíduo esclarecido. A obediência não o exime de sua tarefa de examinar detidamente o âmbito, a expansão e a profundidade os objetos de sua obediência. O que está em evidência é a importância e a necessidade da reflexão sobre o Estado e a natureza de suas atribuições.

O cidadão não pode recusar-se a efetuar o pagamento dos impostos que sobre ele recaem; até mesmo a desaprovação impertinente dessas obrigações, se devem ser pagas por ele, pode ser castigada como um escândalo (que poderia causar uma desobediência geral). Exatamente, apesar disso, não age contrariamente ao dever de um cidadão se, como homem instruído, expõe publicamente suas ideias contra a inconveniência ou a injustiça dessas imposições. (KANT, 2005. p. 66).

---

<sup>6</sup> Platão também defendia a observância e obediência a determinados limites como condição fundamental de conservação da sociedade. Segundo o filósofo, a liberdade demasiada conduz a tirania e a escravidão. Em sua filosofia identificamos o entendimento de que a não observância e aplicação de limites e restrições "torna os cidadãos tão suscetíveis que, tão logo se lhes proponha algo que pareça ameaçar sua liberdade, eles se melindram, rebelam-se e terminam rindo das leis escritas e não escritas, porque não querem de forma alguma submeter-se a nenhum comando". Vemos uma preocupação com a preservação do bem comum da coletividade e podemos inferir que há também uma defesa pelo elevar-se da humanidade. (Platão, República, VII, 563d).

O *uso público da razão*, ou seja, o uso racional da liberdade é, por assim dizer, o que se espera de um indivíduo esclarecido.

Mas, enquanto sábio, tem completa liberdade, e até mesmo o dever, de dar conhecimento ao público de todas as suas ideias, cuidadosamente examinadas e bem-intencionadas, sobre o que há de errôneo naquele credo, e expor suas propostas no sentido da melhor instituição da essência da religião e da Igreja. Nada existe aqui que possa constituir um peso na consciência. (...) como sábio, ao contrário, que por meio de suas obras fala para o verdadeiro público, isto é, o mundo, o sacerdote, no uso público de sua razão, goza de limita ilimitada liberdade de fazer uso de sua própria razão e de falar em seu próprio nome (KANT, 2005, p. 67).

A possibilidade e o desafio da exposição de ideias - que deve se dar exclusivamente em obras escritas - a que Kant se refere, não se trata de uma queixa ou uma reclamação vazia no sentido que comumente entendemos, pelo contrário, a crítica implica o exame minucioso acerca da natureza do que se discorda, pressupondo a formulação de argumentos racionais sobre o que se objeta e alternativa à questão em pauta.

A pergunta filosófica *Que é esclarecimento?* [*Aufklärung*] impele Kant a formular uma questão que lhe permitiu o exercício do *uso público da razão* no que concerne ao espírito do seu tempo. A partir das leituras realizadas, entendemos ser possível estabelecer uma aproximação entre a exposição kantiana e os diálogos platônicos. Do mesmo modo que Kant exerce ao longo do texto o *uso público da razão* no decurso do tratamento desta noção, Platão, em seus diálogos<sup>7</sup>, exercita aquilo que lhe era tão precioso e fundamental em sua filosofia: o exercício do diálogo interrogante. Um filósofo tem na exposição de suas formulações a marca indelével de sua filosofia. É possível identificar esta marca em Kant,

---

Se for feita então a pergunta: "vivemos agora em uma época esclarecida [*Aufklärung*]?", a resposta será: "não, vivemos em uma época de esclarecimento [*Aufklärung*]". Falta ainda muito para que os

---

<sup>7</sup> O diálogo em Platão não é uma opção artificial por um estilo literário, é parte de sua filosofia. Para ele o diálogo é o modo favorável para exercitar a interrogação filosófica. Em vários de seus diálogos, como por exemplo, no Teeteto, no Sofista, Platão afirma que o pensamento é um diálogo interno no qual a própria alma interroga e responde a sua interrogação. Em Platão o diálogo é a expressão do exercício do pensamento pela alma. As inferências aqui apresentadas decorrem de leituras de alguns diálogos de Platão e contribuições do professor Roberto Bolzani (USP) no Minicurso "O significado do diálogo na filosofia platônica" ministrado na XXI Semana de Filosofia e XVI Semana de Integração Graduação e Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Goiás 2014.

homens, nas condições atuais, tomados em conjunto, estejam já numa situação, ou possam ser colocados nela, na qual em matéria religiosa sejam capazes de fazer uso seguro e bom de seu próprio entendimento sem serem dirigidos por outrem. Somente temos claros indícios de que agora lhes foi aberto o campo no qual podem lançar-se livremente a trabalhar e tornarem progressivamente menores os obstáculos ao esclarecimento [*Aufklärung*] geral ou à saída deles, homens, de sua menoridade, da qual são culpados. Considerada sob este aspecto, esta época é a época do esclarecimento [*Aufklärung*] ou o século de Frederico (KANT, 2005, p.69-70).

---

A questão levantada por Kant é complexa, no entanto, é curioso que ele não tenha se eximido de explicitá-la num pequeno texto publicado num Jornal. Ele lança mão do exercício do *uso público da razão* o que confere ao texto elementos de relevância, beleza e de profundidade de sua filosofia. Os argumentos apresentados nesta questão em particular, no nosso entendimento, evidenciam intenções filosóficas, políticas e pedagógicas de Kant ao indagar o espírito de sua época. Ao responder sua própria indagação o filósofo introduz questões filosóficas concernentes ao debate proposto no texto. Ele põe em questão a dificuldade de desvencilhar-se da *menoridade* mesmo que ela esteja no horizonte das possibilidades, inclusive autorizada pelo soberano. Outro aspecto que chama a atenção no texto é o elogio que Kant faz ao rei Frederico II - déspota esclarecido - por sua atitude de não se interpor nas opções religiosas de seus súditos. Na verdade, ao reconhecer que o direito de livre razão implica garantia de obediência, o rei da Prússia certamente não vislumbrava o exercício do *uso público da razão* no sentido defendido por Kant, mas tão somente servidão. É possível inferir que Kant não tenha considerado que esta liberdade direcionada apenas ao campo da religião fosse suficiente para que os homens saíssem da menoridade. De fato, não o é, mas representa uma abertura para que se aventurem a desvencilhar-se da tutela de outrem e decidam-se corajosamente na direção do exercício do uso de seu próprio entendimento.

Ao responder às perguntas "Que é Esclarecimento"? [*Aufklärung*] e Vivemos agora em uma época *esclarecida*? Kant lança seu olhar crítico sobre a realidade a qual pertence. Seus argumentos nos instigam a pensar que, embora o esclarecimento [*Aufklärung*] seja possibilidade humana que se manifesta tanto no indivíduo quanto na coletividade, não é algo que se outorgue posto que é processo, exercício que se realiza na intersecção entre os usos público e privado da razão. É, sobretudo, a capacidade humana de agir a partir da reflexão acerca da natureza daquilo em torno do qual a ação se circunscreve. Esclarecimento [*Aufklärung*] não é um ponto fixo no qual o homem

pode chegar, mas um lento processo de autoesclarecimento, de dedicação e disciplina em relação ao trabalho intelectual.

Mas "É tão cômodo ser menor" (KANT, 2005, p.64), se entregar a determinações externas, se manter na condição de obediência cega. Ele denuncia que a maioria dos homens vive sob tutela. No contexto de Kant parte significativa dos homens estava sob a tutela da Igreja. A sociedade em que ele vivia não era esclarecida e o teor do texto em análise contém fortes indícios dessa condição. "A imensa maioria da humanidade (inclusive todo o belo sexo) considera a passagem à maioridade difícil e além do mais perigosa, porque aqueles tutores de bom grado tomaram a seu cargo a supervisão dela" (KANT, 2005, p. 64). Para seguir seu próprio entendimento é preciso disposição e coragem. O imperativo kantiano no texto Resposta à pergunta: Que é "Esclarecimento"? [*Aufklärung*] é bastante claro: "Ouse pensar! Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento" (KANT, 2005, p.64).

Contudo, Kant afirma que somos permanentemente incentivados, de várias formas e com intensidades variadas a permanecermos na condição de menoridade. Os tutores embrutecem e preservam "cuidadosamente estas criaturas a fim de não ousarem dar um passo fora do carrinho para aprender a andar, no qual as encerram, mostram-lhes em seguida o perigo que as ameaça se tentarem andar sozinhas." (KANT, 2005, p. 64). As instituições exercem satisfatoriamente a tarefa de dificultar que o homem decida seguir seu entendimento, funcionam como mecanismos de controle, dificultam - e até impedem - o exercício da capacidade de raciocinar, de pensar, de realizar experiências intelectuais. Desse modo, acostumamos a ter alguém ou alguma instituição que supra nossas supostas necessidades - inclusive e principalmente aquelas determinadas por forças externas - alguém que pense e decida por nós sem que precisemos dispensar algum tipo de esforço. Somos continuamente enredados pelos discursos do "difícil" e do "perigoso" e a maioria dos homens aceitam prontamente a servidão e o controle sobre seus modos de pensar e de agir.<sup>8</sup>

As leis e instituições são para Kant meios de conter as inclinações humanas para o mal, de defesa da ideia de progresso e desenvolvimento no sentido de buscar o bem da coletividade. A liberdade é limitada às condições materiais. Seu pensamento é

---

<sup>8</sup> Na Dialética do Esclarecimento Adorno e Horkheimer (1985) asseveram que vivemos numa época em que as formas de dominação alcançam a totalidade das dimensões sociais, época em que não só a liberdade de pensamento é limitada, mas o próprio pensamento encontra-se prisioneiro de si mesmo.

coerente com a corrente filosófica da qual é herdeiro: o Iluminismo<sup>9</sup> e o que ele representa. A moral é o tema central da sua filosofia. A moral é pensada de modo indissociável do dever<sup>10</sup> (no sentido de: eu devo?). Ela, em alto nível, seria capaz de cumprir o fim do ser humano que é: a felicidade, uma vida justa, reta, algo que para ele se realiza no equilíbrio entre as dimensões individual e coletiva. Segundo Kant, o homem é responsável por sua condição de não esclarecido. Mantêm-se na *menoridade* por falta de coragem de assumir suas obrigações consigo e com os demais indivíduos da coletividade. "O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de *servir-se de si mesmo*" (KANT, 2005, p. 63).

A noção *servir-se de si mesmo* está diretamente referendada às dimensões da vontade individual e da autoridade estabelecida socialmente. Sendo assim, o conceito de esclarecimento [*Aufklärung*] pressupõe a decisão e a assunção pelo *servir-se de si mesmo*. É um conceito que deve ser pensado a partir da compreensão das dimensões público e privado da razão. Em Kant, a liberdade e a razão são condição fundamental e indispensável ao exercício do *servir-se de si mesmo*, bem como do uso público da razão.

(...) o uso público de sua razão deve sempre ser livre e só ele pode realizar o esclarecimento [*Aufklärung*] entre os homens. O uso privado da razão pode, porém, muitas vezes ser muito estreitamente limitado, sem contudo por isso impedir notavelmente o progresso do esclarecimento [*Aufklärung*]. Entendo contudo sob o nome de uso público de sua própria razão aquele que qualquer homem, enquanto sábio, faz dela diante do grande público do mundo *letrado*. Denomino uso privado aquele que o sábio pode fazer de sua razão em um certo *cargo público* ou função a ele confiado (KANT, 2005, p. 65-66).

---

<sup>9</sup> O Iluminismo foi uma atitude filosófica - de pensamento e de ação - (Séc. XVIII) "caracterizada pelo empenho em estender a razão como crítica e guia a todos os campos da experiência humana." (ABBAGNANO, 2002, P. 534). insurgiu contra toda forma de absolutismo, principalmente o da Igreja Católica e do Estado. Alguns de seus principais pensadores foram: Baruch Spinoza (1632-1677); John Lock (1632-1704); Voltaire (1694-1778); Montesquieu (1689-1755), dentre outros. Defendia ideias como: liberdade de participação político-social dos homens, de progresso, de perfectibilidade humana.

<sup>10</sup> O conceito de Dever é marcante na ética kantiana, que uma ética da normatividade. Segundo Kant, dever é a ação cumprida unicamente em vista da lei e por respeito à ela. "(...) uma ação realizada por dever tem seu valor moral não no fim que deve ser alcançado por ela, mas na máxima que a determina; ela não depende, portanto, da realidade do objeto da ação, mas somente do princípio da vontade segundo o qual essa ação foi determinada, sem relação com nenhum objeto da faculdade de desejar. (...) é a necessidade de realizar uma ação unicamente por respeito à lei, indicando a palavra 'respeito' a atividade que não leva em conta quaisquer inclinações naturais. (...) A ação conforme à lei mas não realizada por respeito à lei é a ação legal; a realizada por respeito à lei é a ação moral. Portanto, moralidade e dever coincidem". (ABBAGNANO, p. 265-267).

O exercício dos usos público e privado da razão não se constitui tarefa simples ou fácil, livre de riscos e desafios. No entanto, reconhecer que é "difícil" e "perigoso" não significa afirmar que é irrealizável. Kant reconhece que para um homem em particular é difícil "desvencilhar-se da menoridade que para ele se tornou quase uma natureza" (KANT, 2005, P.64). Este estado de coisas o impede de usar seu próprio entendimento. A ideia é a de que, à medida que a menoridade é assumida pelo homem "(...) Preceitos e fórmulas, estes instrumentos mecânicos do uso racional, ou antes do abuso, de seus dons naturais, são os grilhões de uma perpétua menoridade." (KANT, 2005, p.64). Romper com um modo de pensar que produz e mantém a menoridade certamente exigirá esforço e coragem. Demanda tempo, perseverança e, acima de tudo o desejo de exercer livremente a capacidade de *pensar por si mesmo*.

Kant afirma que todo indivíduo é livre, quer dizer, tem possibilidade de realizações, mais claramente: a liberdade pode ser exercida individualmente, embora as ações humanas não estejam circunscritas apenas a fins particulares. O agir de um indivíduo implica direta ou indiretamente no equilíbrio social, na preservação e no desenvolvimento da espécie humana. A liberdade, portanto, não é algo sem limites, pelo contrário, o próprio Kant persuade: obedecei! Ele considera a existência de um Estado instituído. A partir dos elementos constitutivos do Estado - aparato jurídico-político, normas e convenções sociais - é que Kant concebe a questão do esclarecimento, do *servir-se de si mesmo*, ou seja, do uso esclarecido da razão abarcando as dimensões público e privado.

A resposta de Kant à pergunta o que é esclarecimento [*Aufklärung*] é formulada a partir de argumentos claros e consistentes que indicam sobremaneira a exigência dos imperativos *Ouse Pensar!*, e *Obedecei* no decurso do exercício do imperativo *servir-se de si mesmo*. Em outras palavras, Kant chama a atenção para uma questão central em sua filosofia: a vontade particular não deve se sobrepor cegamente ou irresponsavelmente à autoridade instituída uma vez que esta representa a preservação e o desenvolvimento da humanidade. Se observarmos atentamente os sistemas filosóficos como os de Platão, Aristóteles, Kant, dentre outros, compreenderemos a afirmação de que o "O principal objeto de qualquer pensamento filosófico é o homem, sua consciência e seu comportamento. Em última análise, toda filosofia é uma antropologia" (GOLDMANN, 1979, p.7). A filosofia não se dedica ao que está por vir, embora esta dimensão seja alcançada nas reflexões filosóficas. Ela lança seu olhar sobre

o passado (remoto e recente), sobre a história daquilo que interroga e faz uso público da razão expondo em obras escritas as formulações possíveis.

Kant nos provoca a explicitar, tornar pública nossa crítica, ou seja, exercitar o *uso público da razão*. Não uma crítica vazia desprovida de argumentos, mas fundamentada em argumentos razoáveis. Sua provocação é no sentido de decidir por realizar uma profunda reforma no modo de pensar, mudar a mentalidade. Segundo Kant, essa atitude ousada é para poucos e sua explicitação se materializa na forma de obras escritas, da exposição sistemática do pensamento que se destina a um público não muito amplo que se encontra espalhado pelo mundo.

Esclarecimento [*Aufklärung*] é um processo que deve ser pensado no âmbito da formação humana, embora neste âmbito reine, desde há muito tempo, um imperativo que contradiz toda e qualquer forma de esclarecimento [*Aufklärung*]:

não raciocineis! (...) Ouço, agora, porém, excluir de todos os lados: não raciocineis! O oficial diz: não raciocineis, mas exercitai-vos! O financista exclama: não raciocineis, mas pagai! O sacerdote proclama: não raciocineis, mas crede! (Um único senhor no mundo diz: raciocinai, tanto quanto quiserdes, e sobre o que quiserdes, mas obedecei!) Eis aqui por toda a parte a limitação da liberdade. Que limitação, porém, impede o esclarecimento [*Aufklärung*]? Qual não o impede, e até mesmo o favorece? Respondo: o uso público de sua razão deve ser sempre livre e só ele pode realizar o esclarecimento [*Aufklärung*] entre os homens (...) (Kant, 2005, p. 65-66).

Ao afirmar que a limitação do *uso público da razão* é, de fato o que impede o esclarecimento [*Aufklärung*], Kant põe em pauta uma questão filosófica que inquieta, ou pelo menos deveria inquietar, a todos que estudam o tema formação humana. Ele afirma que:

um público só muito lentamente pode chegar ao esclarecimento [*Aufklärung*]. Uma revolução poderá talvez realizar a queda do despotismo pessoal, ou da opressão ávida de lucros ou de domínios, porém nunca produzirá a verdadeira reforma do modo de pensar. Apenas novos preconceitos, assim como os velhos, servirão como cintas para conduzir a grande massa destituída de pensamento (KANT, 2005, p. 65).

Temos aqui a intrigante constatação de que, embora todos os homens tenham a capacidade do pensamento livre, do *uso público da razão* no horizonte de sua

existência, somente parte deles assumem a atualização (da potência ao ato no sentido aristotélico) e o exercício da liberdade de pensar. Para Kant, "a liberdade de pensar, é o único tesouro que ainda nos resta apesar de todas as cargas civis, e graças ao qual unicamente pode ainda ser produzido um remédio contra todas as males desta situação". (KANT, 2005, p. 59). Nessa passagem vemos que Kant chama a atenção para o fato de que o exercício da liberdade de pensar só se realiza plenamente com o outro, no debate de ideias, nos diálogos filosóficos. Na modernidade só é possível afirmar que a liberdade de pensar seja o maior tesouro da humanidade se admitirmos que esse tesouro encontra-se enterrado. Adorno e Horkheimer discorrem acerca dessa problemática quando explicitam como as formas de dominação se manifestam no mundo esclarecido:

O preço da dominação não é meramente a alienação dos homens com relação aos objetos dominados; com a coisificação do espírito, as próprias relações dos homens foram enfeitiçadas, inclusive as relações de cada indivíduo consigo mesmo. Ele se reduz a um ponto nodal das reações e funções convencionais que se esperam dele como algo objetivo. O animismo havia dotado a coisa de uma alma, o industrialismo coisifica as almas. O aparelho econômico, antes mesmo do planejamento total, já provê espontaneamente as mercadorias dos valores que decidem sobre o comportamento dos homens. A partir do momento em que as mercadorias, com o fim do livre intercâmbio, perderam todas suas qualidades econômicas salvo seu caráter de fetiche, este se espalhou com uma paralisia sobre a vida da sociedade em todos os seus aspectos. As inúmeras agências da produção em massa e da cultura por ela criada servem para inculcar no indivíduo os comportamentos normalizados como os únicos naturais, decentes, racionais.

(...) A regressão das massas, de que hoje se fala, nada mais é senão a incapacidade de poder ouvir o imediato com os próprios ouvidos, de poder tocar o intocado com as próprias mãos: a nova forma de ofuscamento que vem substituir as formas míticas superadas (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 40-47).

A reflexão que se desenvolveu em torno dos argumentos apresentados por Kant no texto Resposta à pergunta: "Que é "Esclarecimento"? [*Aufklärung*] nos impele a pensar as questões do nosso tempo e não estão muitos distantes do que Adorno e Horkheimer denunciam acerca da dominação na sociedade industrial. Nosso desafio é o de pensar a formação humana em geral e as instâncias Educação e Escola a partir das possibilidades e dos limites, do dito e do silenciado por Kant. Mesmo reconhecendo as dificuldades em torno do tema esclarecimento [*Aufklärung*], Kant, ao expor suas ideias ilumina sendas que nos permitem manter aceso o debate sobre a questão do esclarecimento. Se por um lado, ele afirmou que em indivíduos que vivem sob a tutela

de outrem o esclarecimento é quase irrealizável, por outro, assinala que, pela educação é possível trabalhar no sentido de possibilitar a reflexão aos jovens espíritos.

É, por conseguinte fácil em indivíduos particulares estabelecer esclarecimento [*Aufklärung*] mediante a educação; deve-se apenas começar cedo e habituar os jovens espíritos a esta reflexão. Porém, esclarecer uma época é muito penoso e demorado, porquanto encontram-se muitos obstáculos exteriores que em parte proíbem esta espécie de educação e em parte dificultam-na (KANT, 2005, p. 61-62. Nota número 7).

Guardadas as devidas proporções, inferimos que os obstáculos ao esclarecimento [*Aufklärung*] nas atuais condições materiais, sejam infinitamente mais numerosos e conseqüentemente mais diversificados que os da época de Kant. Certamente, pensar a formação humana, o esclarecimento [*Aufklärung*] em nossa época é um desafio de natureza diferente ad que Kant enfrentou. A questão se torna mais complexa se consideramos a Escola como principal instância formativa. Como pensar em liberdade de pensamento, em uso público da razão, em fazer uso do próprio entendimento, numa época em que as instâncias formativas em geral e a escola em particular, encontram-se submetidas a um procedimento de razão que obstaculariza a capacidade de distinguir o verdadeiro do falso, nega o esclarecimento [*Aufklärung*]? O que pensar de uma educação escolar orientada pelo Estado sinalizando a socialização como um fim em si mesmo? Como pensar um processo de escolarização em que prevalece a formalização, o direcionamento, a concorrência? Os imperativos kantianos reforçam a urgência e a necessidade de pensar a educação e a escola para além da domesticação e docilidade, quer dizer, para além do capital como assevera Mézaros (2002). As reflexões kantianas nos ajudam a pensar a escola num momento histórico em que ela se encontra submetida à lógica da racionalidade instrumental e romper com essa lógica é um grande desafio.

A afirmação de que "Os dias são por assim dizer filhos do tempo, porque o dia seguinte, com todo seu conteúdo, é produto do anterior" (KANT, 2005, p. 93) é bastante elucidativa no que se refere a compreensão da nossa época. A ideia de romper com um procedimento de razão que obstaculariza o pensamento crítico, pressupõe em primeiro lugar a compreensão do nascedouro desta razão ou do processo em que a razão se converteu em racionalidade instrumental. É no passado (remoto e recente) que se deve buscar a compreensão acerca do procedimento de razão que nos atravessa a todos na

modernidade. Como diria Kant, insurgir contra essa lógica que trabalha no sentido de nos colocar a todos sob sua tutela, exige coragem e ousadia. Sim, coragem e ousadia para exercitarmos o pensamento livre e, a partir do exercício *do uso público da razão* empreendermos o que Kant chamou de reforma do modo de pensar. Mas lembremos da advertência: "É tão cômodo ser menor." (KANT, 2005, p. 64). O desvencilhar-se da menoridade e a busca pelo esclarecimento [*Aufklärung*] exige decisão e coragem porque é como se despir de um determinado modo de pensar, implica necessariamente decidir "pela transformação do próprio espírito (...)" (KANT, 2005, P.64-65). O processo de esclarecimento [*Aufklärung*] se dá num tempo outro onde a pressa e a superficialidade já não encontram espaço para repouso. Um tempo em que o pensamento livre se detém e se dedica ao exame das questões que se encontram na escuridão, no reino da aparência e da fantasia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo do conceito esclarecimento [*Aufklärung*] a partir da leitura do opúsculo Resposta à pergunta: Que é "Esclarecimento"? [*Aufklärung*] de Immanuel Kant, constitui-se numa profícua experiência formativa.

Kant inicia o texto respondendo à pergunta que lhe foi apresentada:

Esclarecimento [*Aufklärung*] é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu próprio entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de *servir-se de si mesmo* sem a direção de outrem. *Sapere aude!* Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento [*Aufklärung*]. (KANT, 2005, p. 63-64).

Por que um filósofo da envergadura de Kant iniciaria seu texto respondendo à questão que lhe fora apresentada? À medida que avançamos na leitura observamos que o primeiro parágrafo, embora contivesse muitas das noções fundamentais à compreensão mais ampla do conceito esclarecimento [*Aufklärung*], não constituía de fato a resposta à pergunta. Os leitores que resistiram ao texto logo nesse parágrafo, certamente permaneceram na superficialidade da questão, embora aquele fosse um fértil terreno de onde muitas outras questões poderiam ser suscitadas.

A compreensão do conceito esclarecimento [*Aufklärung*] extrapola os limites do texto em análise. Esta foi uma descoberta que, ao cabo do estudo significou um rico exercício intelectual em nossa formação e ampliação e aprofundamento na compreensão do conceito esclarecimento [*Aufklärung*]. O caminho percorrido na busca da compreensão do conceito esclarecimento [*Aufklärung*] foi bastante elucidativo no sentido de reafirmar a necessidade de investigação acerca das bases filosóficas e históricas do procedimento de razão que oblitera a capacidade e o exercício do pensamento livre, do uso público da razão, como diria Kant. Reconhecendo que o presente estudo resultou da leitura de um Clássico, não seria correto pensar ou apresentar considerações finais, mas somente considerações provisórias posto que ainda pretendemos ouvir muito do que Kant tem a dizer.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. Trad. Alfredo Bosi. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ADORNO, Theodor e HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

CALVINO, I. **Porquê ler os clássicos?: um clássico é um livro que nunca acabou de dizer o que tem a dizer**. Tradução. José Colaço Barreiros. Dom Quixote, Portugal, 1990.

GOLDMANN, L. **Dialética e cultura**. Tra. Luiz Fernando Cardoso. Carlos Nelson Coutinho e Geshe Vianna Konder. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. (Coleção Pensamento Crítico)

KANT, I. **Textos seletos**. Trad. Floriano de Sousa Fernandes. 3ª ed. Petrópolis: Rio de Janeiro, Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_. **Crítica da razão pura** - Os pensadores - Vol. II. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

\_\_\_\_\_. **Crítica da razão pura** - Os pensadores - Vol. I. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

MÉSZAROS, I. **Para além do capital**. São Paulo/Campinas, Boitempo, 2002.

PLATÃO. **Teeteto**. Trad. Adriana M. Nogueira e Marcelo Boerj. Fundação Calquste Gulbenkian, 1998.

\_\_\_\_\_. **A República**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 3ª ed. Belém: EDUFPA, 2000.